



JOGOS EDUCATIVOS COMO INTRODUÇÃO DE CONTEÚDO NO ENSINO DE CIÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Breno Yan dos Santos Passos¹, Amanda Rayane Mota Barros², Isabel Cristina Higino Santana³.

Resumo: O estágio supervisionado foi realizado em uma escola privada localizada no bairro Autran Nunes, na periferia de Fortaleza-CE. A instituição atende alunos do 2º ao 9º ano do Ensino Fundamental e possui estrutura com biblioteca, pátio para atividades recreativas e salas climatizadas. O estágio ocorreu entre o final de 2024 e o início de 2025, com foco nas turmas do 8º e 9º anos na disciplina de Ciências. As principais atividades envolveram a observação das aulas ministradas pela professora supervisora, a realização de regências e a aplicação de um projeto didático baseado em jogos educativos. A observação permitiu compreender as metodologias utilizadas pela docente, incluindo o uso estratégico do quadro branco para estruturar conceitos e estimular a participação dos alunos. A regência possibilitou a vivência prática do ensino, evidenciando desafios como o nível de interação das turmas. O projeto didático consistiu em jogos aplicados às duas turmas com o objetivo de introduzir conteúdos nas primeiras aulas do ano letivo de 2025. No 8º ano, utilizou-se um jogo da memória sobre cromossomos, enquanto o 9º ano participou de um quiz de anatomia e fisiologia humana. Os jogos despertaram a curiosidade dos alunos e promoveram discussões espontâneas, aumentando o engajamento e a interação em sala. Os resultados obtidos demonstraram que a aplicação de atividades lúdicas contribuiu para o engajamento dos alunos e facilitou a introdução dos conteúdos. Além disso, o estágio permitiu compreender a importância da observação atenta das turmas e da flexibilidade no planejamento, possibilitando ajustes conforme as necessidades dos estudantes. A experiência reforçou a relevância de uma prática docente reflexiva, que busca equilibrar teoria e prática e adaptar-se aos desafios diários da sala de aula, garantindo um ensino mais dinâmico e significativo.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Planejamento. Engajamento. Prática Docente.

1. INTRODUÇÃO.

O ensino formal é caracterizado por sua estrutura organizada, sistemática e intencional, ocorrendo principalmente no ambiente escolar. Conforme discutido por Costa (2014), essa modalidade de educação é regida por uma hierarquia bem definida, com

¹ Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual Do Ceará - UECE, brenoyanb@gmail.com.

² Graduada em ciências Biológicas, profamandaray@gmail.com

³ Doutora em educação, CCB-CCS Universidade Estadual Do Ceará - UECE, isabel.higino@uece.br

currículos, métodos e objetivos claramente estabelecidos, que vão desde a educação básica até os níveis superiores de formação. Nessa estrutura, licenciandos desenvolvem o estágio supervisionado com o acompanhamento de um professor supervisor de uma escola e de um professor orientador da universidade.

A escola onde foi realizado o estágio está localizada no bairro Autran Nunes, região do grande Bom Jardim, na periferia do Município de Fortaleza, capital do Ceará. A instituição, de caráter privado, atende principalmente alunos provenientes de famílias de classe média e classe média baixa, refletindo o perfil socioeconômico da comunidade ao seu redor. A escola atende alunos do 2º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com uma turma para cada série nos períodos matutino e vespertino. A estrutura física da escola conta com recursos comuns a muitas instituições de ensino, como uma biblioteca, um pátio com espaços para jogos e brincadeiras durante o intervalo, e todas as salas de aula são equipadas com ar condicionado, proporcionando um ambiente mais confortável para o aprendizado, especialmente em uma região de clima quente como Fortaleza. O número de alunos por turma varia significativamente, indo de nove estudantes na menor turma até pouco mais de 20 nas maiores. Essa variação é mais comum nos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde há uma maior prevalência de matrículas. Turmas menores permitem um ensino mais individualizado, com maior possibilidade de interação entre professor e aluno.

O estágio supervisionado no Ensino Fundamental II foi realizado com turmas do 8º e 9º anos, na matéria de ciências, sendo a turma do 8º ano composta por 14 alunos e a do 9º ano por sete alunos. A escola apresenta um baixo índice de evasão, e os alunos que deixam a instituição geralmente se transferem para outras escolas, sejam elas privadas ou públicas. Esse movimento de transferências parece estar mais relacionado a fatores externos, como mudanças de endereço ou condições financeiras das famílias, do que a questões diretamente ligadas à instituição ou abandono dos estudos. O estágio ocorreu entre o final de 2024 e o início de 2025, e o projeto didático focado neste relato foi realizado ao final do período. A construção do relato segue a metodologia de Mussi (2021). O objetivo é descrever a experiência da aplicação de jogos didáticos como metodologia para introduzir conteúdos e despertar o interesse dos alunos para as aulas seguintes.

2. DESENVOLVIMENTO.

Etapas do estágio.

O estágio supervisionado teve início durante o último bimestre de 2024. A instituição demonstrou grande disponibilidade e interesse em contribuir não apenas com seus alunos e profissionais, mas também com a formação de futuros educadores. A experiência pode ser dividida em etapas, começando pelo reconhecimento da instituição, que incluiu a análise da estrutura física, do quadro profissional e do perfil das turmas. Essa fase foi essencial para compreender o contexto em que o estágio seria realizado.

Outra etapa consistiu na observação em sala de aula, na qual acompanhei a professora supervisora, registrando suas metodologias, atitudes e estratégias de ensino. Essa fase foi fundamental para compreender como a teoria aprendida na formação acadêmica se materializa na prática docente. Foi de grande importância observar como a professora lidava com os comportamentos positivos e negativos dos alunos para manter um ambiente propício à aprendizagem. Além disso, pude notar as técnicas que ela utilizava para incentivar a participação ativa dos alunos, como perguntas direcionadas, debates rápidos e a valorização das contribuições individuais, o que contribuiu para um maior engajamento da turma. Um

ponto que chamou atenção foi o uso do quadro branco, ferramenta central no processo de ensino. A supervisora não apenas organizava conceitos no quadro, mas também o utilizava como um recurso dinâmico para estruturar as ideias dos estudantes. Por exemplo, ela desenhava esquemas e fazia anotações em tempo real durante as discussões. Mesmo com a presença de ilustrações e textos no livro didático, a possibilidade de desenhar, destacar e rasurar partes importantes no quadro mostrou-se fundamental para a dinâmica das aulas. Essa prática permitia que os alunos visualizassem o conteúdo de forma mais clara e interativa, facilitando a compreensão e a retenção das informações. Outro aspecto relevante foi a forma como a professora adaptava o uso do quadro às necessidades da turma. Em momentos de maior complexidade, ela utilizava o recurso para simplificar conceitos, enquanto em outros, estimulava os alunos a contribuírem com suas próprias anotações. A flexibilidade no uso de uma ferramenta simples e comum no cotidiano do professor evidenciou a importância da criatividade e da adaptação no trabalho docente.

Outro momento relevante foi a troca de experiências durante os intervalos com outros professores. Esses momentos permitiram discussões sobre as turmas, o compartilhamento de práticas pedagógicas e a reflexão sobre os desafios enfrentados no cotidiano escolar. Essa interação foi enriquecedora, proporcionando *insights* valiosos sobre a profissão docente e a realidade da educação básica.

A etapa da regência se destaca como a mais esperada do estágio, momento em que o licenciando coloca em prática toda a teoria e as vivências adquiridas na academia. Com duas turmas, uma do 8º e outra do 9º ano, foi possível vivenciar experiências distintas e enriquecedoras. Nos primeiros dias do estágio, realizei algumas regências, o que foi um desafio, já que ocorreram antes de observar a professora supervisora e conhecer as turmas. No entanto, essa decisão, tomada em comum acordo com a supervisora, permitiu uma comparação entre as primeiras e as últimas aulas, proporcionando uma experiência única. Nas primeiras aulas, pude expressar minha própria visão da docência, sem tentar performar o comportamento da supervisora, o que foi fundamental para desenvolver minha identidade como educador e depois comparar com o da supervisora para analisar onde posso melhorar.

A turma do 8º ano se mostrou menos participativa, o que, inicialmente, foi um pouco frustrante. Apenas dois alunos interagiam de forma mais ativa durante as aulas. O tamanho reduzido da turma, com apenas 10 alunos, também contribuiu para essa dinâmica, já que o grupo tendia a ser mais reservado. Durante a observação, constatei que esse comportamento era comum e não afetava negativamente o processo de ensino-aprendizagem, pois os alunos entregavam todas as atividades e alcançaram boas notas nas avaliações. Apesar da pouca interação em sala, o relacionamento com os professores era positivo, como demonstrado no aniversário da professora supervisora, quando a turma organizou uma festa surpresa para ela. Para melhorar o engajamento, desenvolvi uma estratégia de iniciar as aulas com uma breve conversa sobre assuntos do interesse dos alunos, como acontecimentos da escola ou filmes que haviam assistido. Esses momentos, aparentemente simples, mostraram-se eficazes para criar vínculos e tornar o ambiente de aula mais acolhedor e descontraído, especialmente para estudantes que muitas vezes se sentem sobrecarregados ou preocupados com o futuro.

Já a turma do 9º ano apresentou um comportamento completamente diferente. Desde o início, foram bastante participativos, interagindo constantemente durante as aulas. Em alguns momentos, foi necessário até conter conversas paralelas para manter o foco. Foi perceptível nessa turma uma mentalidade de maturidade, provavelmente influenciada pelo fato de serem

os alunos mais velhos da escola e estarem no último ano antes do ensino médio. Eles frequentemente discutiam sobre essa nova etapa, demonstrando expectativas e preocupações em relação ao futuro. Essa postura mais engajada facilitou a aplicação de atividades dinâmicas e debates, mas também exigiu maior atenção na gestão do tempo e na mediação das interações para garantir que todos participassem de forma produtiva.

Foi possível perceber, ao longo da regência, que as estratégias de ensino devem ser flexíveis e individualizadas, adaptando-se às necessidades e ritmos de aprendizagem de cada aluno e turma. Mesmo dentro de uma mesma turma, é essencial aplicar diferentes abordagens, pois os estudantes possuem formas distintas de engajar, compreender e interagir com o conteúdo. Segundo Milanesi (2012) a experiência do estágio é marcante para o ingresso na profissão, desde que seja bem realizada e compreendida. Por estar centrado na escola, um espaço de atuação profissional e relações humanas, o estágio permite que as pessoas ensinem e aprendam umas com as outras. Essa experiência proporciona um equilíbrio entre teoria e prática, preparando futuros educadores para os desafios reais da sala de aula.

Projeto didático

Apesar de o semestre letivo não exigir a aplicação de um projeto didático caso não houvesse tempo hábil durante o estágio, a ideia de desenvolver essa atividade deixou a professora supervisora empolgada desde o início. No entanto, o período em que o estágio ocorreu, no final de 2024, não foi propício para o planejamento e execução do projeto, uma vez que as turmas estavam envolvidas em outras atividades, como a feira cultural, avaliações finais e a necessidade de finalizar conteúdos pendentes. Diante disso, em conjunto com a professora supervisora, decidimos adiar a realização do projeto didático para o início do período letivo de 2025, quando haveria mais tempo e flexibilidade para planejamento e execução.

Inicialmente, cogitei a ideia de uma aula de campo, metodologia que considero enriquecedora por permitir uma aprendizagem mais prática e contextualizada. No entanto, essa proposta se mostrou inviável devido à necessidade de um planejamento antecipado e detalhado, algo que não era possível naquele momento. No último bimestre de 2024, a escola já havia realizado uma aula de campo, e o início de 2025 não oferecia tempo hábil para organizar uma nova. Foi então que, em um *brainstorming* com a professora supervisora, surgiu a ideia de utilizar jogos didáticos como estratégia de ensino. Essa metodologia já é bastante conhecida e aplicada em sala de aula, principalmente como ferramenta de revisão de conteúdos. No entanto, propusemos uma abordagem diferente: utilizar os jogos já no início das aulas, antes da exposição formal do conteúdo, para analisar se essa metodologia se mostra eficaz como ferramenta de aprendizagem mesmo quando os alunos ainda não tiveram contato prévios sobre o tema, mas contam com experiências empíricas ou conceitos adquiridos em anos anteriores.

Ainda durante as férias em 2025 reuni-me com a professora supervisora após ela receber o planejamento letivo das turmas e o novo livro didático para pensarmos em como seria os jogos e sua aplicação, como uma turma é do nono ano e outra do oitavo se mostrou importante desenvolver jogos diferentes

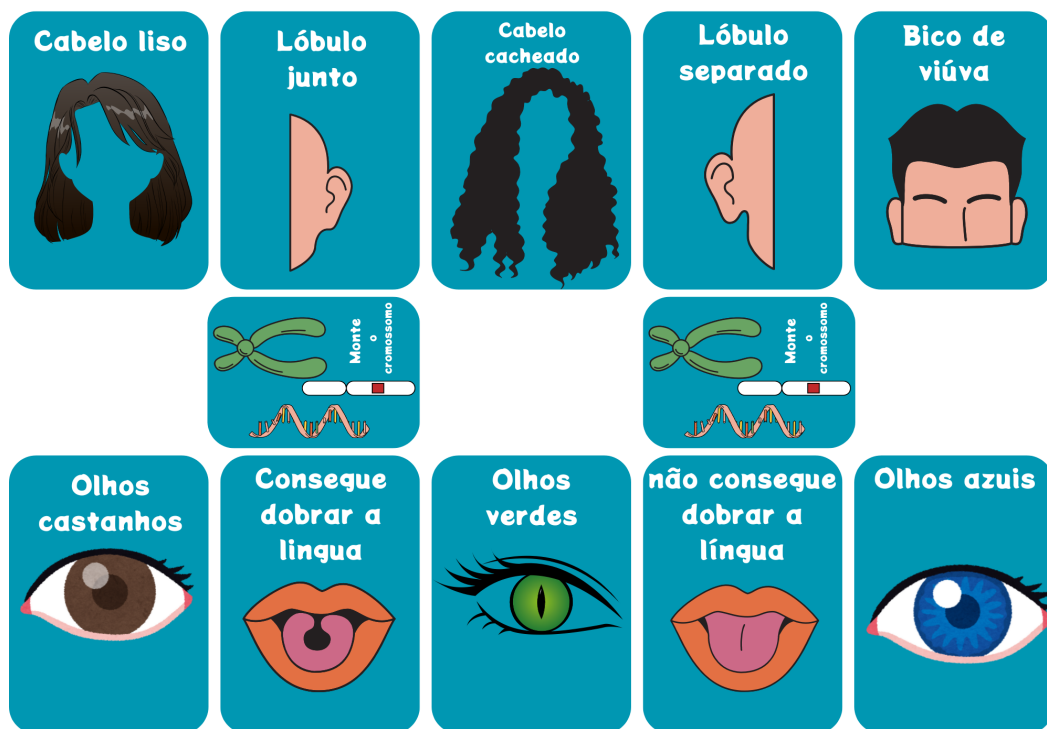
Jogo Monte o Cromossomo 08º ano

O capítulo inicial do livro didático dessa turma é intitulado “Núcleo e Divisão Celular”, sendo subdividido nos seguintes tópicos: 1. Núcleo e Cromossomo; 2. Divisão

Celular – Mitose; 3. Divisão Celular – Meiose. O planejamento do jogo educativo envolveu uma série de etapas, incluindo a análise de experiências prévias, a pesquisa de artigos científicos que abordam o uso de jogos como ferramenta pedagógica nesse tema e a avaliação do comportamento da turma. O jogo foi aplicado para os alunos que, no ano anterior, estavam no 7º ano. Embora ainda não tivesse tido contato direto com todos, a professora supervisora já havia descrito o perfil geral da turma, e durante meu período na escola, pude conhecer alguns estudantes dessa turma. Segundo a professora, a turma se caracteriza por ser bastante participativa e receptiva a metodologias ativas, além das tradicionais aulas expositivas dialogadas. Dessa forma, optamos por desenvolver um jogo da memória baseado em cromossomos. O jogo foi composto por pares de cartas idênticas (FIGURA 1), elaboradas na plataforma *Canva* (<https://www.canva.com>). Cada par continha uma característica genética amplamente utilizada como exemplo nas aulas de Ciências e de Biologia, como bico de viúva e lóbulo da orelha junto ou separado.

Após a elaboração do material, ele foi enviado para a professora supervisora, que fez suas considerações. A principal sugestão foi a inclusão de uma introdução expositiva dialogada antes da aplicação do jogo, uma vez que conceitos como cromossomos e núcleo celular eram essenciais para que os alunos pudessem compreender e se engajar plenamente na atividade.

Figura 1 – Jogo Monte o cromossomo.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No dia da aplicação do jogo, estavam presentes seis alunos, menos da metade da turma, o que não impossibilitou a realização da atividade. No início da aula, expliquei como seria a dinâmica e pedi que os alunos citassem palavras que lhes vinham à mente ao ouvir os termos “cromossomo” e “núcleo”. Eles mencionaram palavras como “célula”, “DNA”, “filhos” e “doenças”, que foram anotadas no quadro. A professora supervisora planejou

utilizar essas palavras nas aulas seguintes em uma espécie de bingo, marcando cada vez que o conteúdo se relacionasse com alguma delas.

Em seguida, perguntei se os alunos se lembravam do que era uma célula e fiz um esboço no quadro. Eles conseguiram explicar o conceito, mas não lembravam os nomes das suas partes. Quando mencionei membrana plasmática e citoplasma, lembraram que a próxima estrutura seria o núcleo. Para explicar o cromossomo, utilizei uma analogia com dois fones de ouvido, questionando se seria mais fácil separá-los se estivessem embaraçados ou cada um enrolado de forma organizada. Essa comparação ajudou a ilustrar a importância da organização dos cromossomos durante a divisão celular.

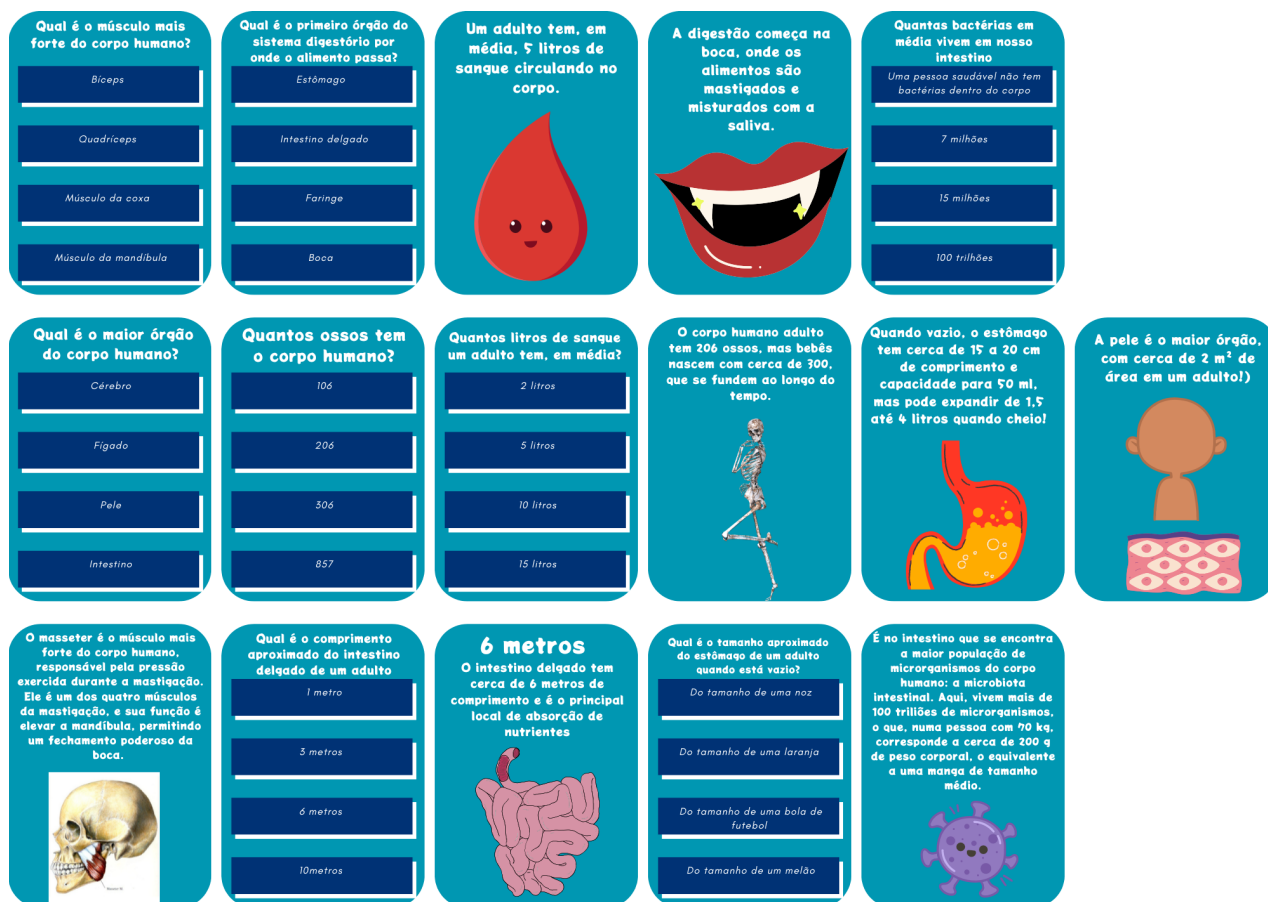
Com os conceitos básicos revisados, expliquei como funcionaria o jogo. Desenhei dois cromossomos gigantes no quadro, um em vermelho e outro em preto, e dividi a turma em dois grupos, cada um representando um cromossomo. O objetivo era encontrar pares de cartas e grudá-los no quadro, fazendo uma analogia com a necessidade de os cromossomos serem iguais para que a divisão celular ocorra sem problemas. O jogo transcorreu sem dificuldades: os alunos demonstraram competitividade, mas mantiveram o respeito mútuo. Conforme viravam as cartas, eram apresentados a características que desconheciam, como a separação ou não do lóbulo da orelha e a capacidade de dobrar a língua. Esses momentos despertavam curiosidade, e eles paravam para observar essas características em si mesmos e nos colegas.

O jogo terminou empatado, com cada grupo encontrando cinco pares de cartas. Em seguida, os alunos observaram as características que o cromossomo de seu grupo carregava e discutiram sobre a atividade, demonstrando interesse pelo tema. A aula continuou com a leitura das primeiras páginas do livro didático, que apresentava as estruturas do núcleo, e os estudantes interagiram de forma participativa.

Jogo Quiz anatômico 09º ano

O capítulo inicial do livro didático dessa turma é intitulado “Anatomia e fisiologia humana” e se subdivide em: 1 Esqueleto; 2 Sistema digestório I; 3 Sistema digestório II. 4 Sistema digestório III; 5 Sistema Respiratório; 6 Obesidade. Como acompanhei essa turma quando estavam no 8º ano já conhecia os alunos e seus comportamentos, sabia que interagiam pouco durante as aulas, apesar das boas notas, foi pensado então na realização de um quiz com premiação para instigar a interação dos alunos, a ideia é utilizar perguntas de curiosidades que se relacionem com o tema de anatomia e fisiologia mas que não fosse necessário ver o conteúdo antes e que sim fizesse que os alunos utilizassem seu conhecimento prévio, raciocínio lógico e palpites. Para elaborar as perguntas foi realizada leitura do livro didático e comparado o conteúdo com conteúdos de curiosidade a internet como de criadores de conteúdos e sites, todas informações foram confirmadas em referências seguras sobre os assuntos, para elaboração das cartas foi utilizado novamente a plataforma *Canva*, em que de um lado da carta contém uma pergunta e quatro alternativas e no outro lado a resposta com uma breve explicação (FIGURA 2)

Figura 2 – Jogo Quiz anatômico.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No dia da aplicação do jogo, estavam presentes seis alunos, faltando apenas um dessa turma. No início da aula, expliquei como seria a dinâmica: o jogo ocorreria logo no início, seguido pela introdução dos conteúdos. O jogo começou com a leitura de uma pergunta, e cada aluno deveria escolher uma alternativa. Eles tiveram tempo para discutir as opções entre si e com os professores. A cada acerto, o aluno recebia um doce como incentivo à participação. O desempenho variou de acordo com a pergunta. Por exemplo, na questão sobre quantos ossos um ser humano tem, todos acertaram que são 206. Nesse momento, aproveitei para explicar que nascemos com mais ossos, mas alguns se fundem até a fase adulta, o que gerou uma discussão interessante.

Houve uma pergunta, no entanto, que nenhum aluno acertou: a quantidade média de bactérias que vivem no intestino humano. A resposta surpreendeu a todos, e aproveitei para abordar o papel benéfico das bactérias, que muitas vezes são lembradas apenas pelas doenças que podem causar. Esse momento despertou a curiosidade dos alunos, que, ao final do jogo, continuaram conversando sobre curiosidades da fisiologia humana. Esse interesse natural serviu como um gancho perfeito para iniciar a leitura do livro e dar continuidade à aula, que seguiu com a participação ativa de todos.

Comparada às aulas anteriores, a interação dos alunos aumentou significativamente, demonstrando que a metodologia do jogo foi eficaz não apenas para engajá-los, mas também para criar um ambiente mais dinâmico e participativo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O estágio supervisionado se mostrou como uma ferramenta essencial na formação de licenciandos, permitindo a vivência na prática das dinâmicas do ensino formal, mas com o suporte e acompanhamento de um profissional experiente da escola e de uma orientadora da universidade.

O desenvolvimento do projeto didático, pensado e aplicado durante o estágio, demonstra a capacidade dos professores de observar as turmas e, a partir de suas necessidades, planejar metodologias e estratégias específicas para promover a aprendizagem. Além disso, evidencia a habilidade de lidar com mudanças no planejamento, adaptando-se às demandas que surgem no decorrer do processo. Um exemplo disso foi a aplicação do jogo no 8º ano, em que foi percebida a necessidade de uma abordagem prévia do conteúdo antes de realizar a atividade lúdica.

Durante o estágio, pude perceber que a diversidade de perfis dos alunos exige do professor não apenas um planejamento cuidadoso, mas também sensibilidade para identificar e responder às demandas específicas de cada um, o que corrobora com Leal (2005) quando a autora afirma que a atitude científica do fazer didático-pedagógico é imprescindível para o planejamento e que é necessário sempre um diagnóstico que leve em conta as condições físicas da instituição, as expectativas dos alunos e as possíveis estratégias de inovação.

É fundamental garantir que todos tenham oportunidades de aprender e se desenvolver, respeitando seus ritmos e necessidades. Essa vivência reforçou a importância de uma prática docente reflexiva e adaptativa, capaz de transformar desafios em oportunidades de crescimento tanto para os alunos quanto para o educador.

REFERÊNCIAS

COSTA, Rodrigo Heringer. Notas sobre a Educação formal, não-formal e informal. **Anais do SIMPOM**, n. 3, 2014.

LEAL, Regina Barros. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 37, n. 3, p. 1-7, 2005.

MILANESI, Irton. Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares. **Educar em revista**, p. 209-227, 2012.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.